

Territórios criados pelo ...AVOA! Núcleo Artístico: relações possíveis entre dança e cidade

Territories created by ...AVOA! Núcleo Artístico: possible
relationships between dance and city

*Débora Souto Allemand*¹

*Eduardo Rocha*²

Resumo

O artigo encontra algumas relações entre cidade e dança, a partir do projeto "Entre-espacos" do ...AVOA! Núcleo Artístico. Através de oito paradas na Rua São Bento, centro de São Paulo/SP, local de ação do grupo, o texto relaciona alguns dos movimentos realizados pelo ...AVOA! com conceitos estudados, como o ritornelo, as sociedades de controle, o corpo-espaco e o espectador emancipado. Ao final, percebeu-se que a cidade pode passar a ser vista também a partir das pessoas que a habitam. Assim, a arte de rua vem a ser entendida como uma forma de resistência na cidade capitalista contemporânea, que é capaz de transformá-la de dentro do próprio sistema econômico e social.

Palavras-chave: Cidade; dança; intervenções urbanas; território; filosofia da diferença

Abstract

The paper finds some relationships between city and dance, through the project "Entre-espacos" of ...Avoa! Núcleo Artístico. Through eight stops in São Bento street, in the center of São Paulo/SP, the group's place of action, the text lists some of the movements made by ...AVOA! with concepts studied, such as the ritornelo, the control societies, the body-space and the emancipated spectator. In the end, it was perceived that the city can also be understood through the persons that lives her. Thus, street art can be understood as a resistance way in the capitalist contemporary city, wich is able to transform it from inside of economic and social system.

Keywords: City; dance; urban interventions; territory; philosophy of difference

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel. Trabalha com intervenções urbanas, relacionando dança e cidade. Professora substituta no curso de Dança-Licenciatura UFPel. deborallemmand@hotmail.com

² Prof. Dr. Arquitetura e Urbanismo, e na Pós-Graduação da UFPel. amigodudu@yahoo.com.br

Como a *performance* artística é capaz de modificar ou romper com os fluxos cotidianos na cidade? Quais pistas estas *performances* são capazes de apontar para os modos de vida na cidade? Essas são algumas das questões que perpassam este texto, que tem o objetivo de tecer relações que podem ser feitas entre cidade e dança a partir do projeto *Entre-espaços, do ...AVOA! Núcleo Artístico*. Desta forma, a pesquisa volta-se para o estudo das intervenções urbanas, mais especificamente a dança na rua, entendendo que esta é capaz de abrir brechas para diferentes compreensões da cidade.

Este artigo foi escrito a partir da dissertação da autora³, denominada *Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico*, defendida em abril de 2016 no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. O ...AVOA! Núcleo Artístico foi eleito para ser o caso de estudo desta pesquisa, por ser um dos grupos brasileiros que trabalham a/na cidade com o objetivo de provocar questionamentos acerca da vida urbana e por se interessar pelas poéticas corporais que podem surgir dos múltiplos estímulos que a rua é capaz de provocar.

Arte e Cidade Contemporâneas

O espaço, nesta pesquisa, está completamente imbricado ao tempo e aos sujeitos que com ele interagem, não somente o espaço geométrico, de medidas, mas como a sociedade se constitui a partir dessa interação sujeito-espaço (SANTOS, 2014). O conceito de espaço está vinculado também ao conceito de tempo, este que, na contemporaneidade, é efêmero e se transforma rapidamente.

A globalização hegemonizou a maioria das cidades e generalizou seus habitantes. Vivemos em espaços previsíveis, sem a possibilidade da surpresa e da experiência. Paradoxalmente, vivemos em meio à multidão de habitantes das cidades e ao mesmo tempo não temos troca com o outro, porque não temos tempo de parar para pensar, parar para sentir. A cidade, por ser o lugar da concentração de heterogêneos é também lugar de conflitos e, por isto, lugar de política (Jacques, 2010).

O capitalismo faz da cidade um produto para a venda, produz identidades e culturas e despolitiza os espaços públicos. Os condomínios fechados e os shoppings acarretam obstáculos na cidade e há a diminuição do uso do espaço de convívio com o diferente. Transforma-se a cidade em espetáculo e a vende-se para o turismo. Mas na contramão da macropolítica⁴, estão aqueles que vivem a cidade visceralmente, aqueles que a constroem no cotidiano, são eles: os mendigos, os trabalhadores informais, os grupos que dançam na cidade, aqueles que fazem intervenções urbanas, entre outros (Jacques, 2012).

Os cidadãos da cidade estão em constante troca e reconstituição, a partir do contexto em que residem. Somos bombardeados por informações que nos atravessam e nos transformam, e empurrados pelo capitalismo para cada vez produzir e

³ ALLEMAND, Débora Souto. *Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico*. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

⁴ Macropolítica é a política feita pelos governos, estados, pelo capital. É a política hegemônica.

consumir mais. A maioria dos habitantes das cidades não tem experiência urbana⁵, apesar de passar grande parte do dia no trânsito indo de casa para o trabalho e vice-versa (Bondía, 2002).

Entender o mundo contemporâneo necessita, portanto, pensar sobre corpo sem separá-lo do contexto em que está imerso, pois esses dois estão em constante troca. Por isso, Miranda (2008) sugere que o corpo do nosso tempo não é mais um corpo próprio, mas sim um *corpo-espaço*, em eterno vir a ser. Além disso, "corpo" já não pode mais ser entendido como uma parte contrária à mente - somos sujeitos inteiros e o aprendizado racional passa pela sensibilidade da experiência do corpo. Assim, as cidades são importantes espaços de subjetivação e devem ser espaços de liberdade, de criação e de arte, pensadas e produzidas pelas pessoas e para as pessoas.

Desde 1950, muitos movimentos de arte lutam pelo seu espaço na cidade produzindo, dessa forma, a própria cidade. Alguns grupos modernistas e pós-modernistas discutiram sobre a democratização da arte e passaram a utilizar espaços alternativos ao teatro de palco italiano, entendendo que ir para a rua era igualmente uma forma de fazer política. Situacionismo, *happening*, *performance* e *Judson Church* foram alguns desses grupos. Propunham uma fusão entre as artes; rompiam com a arte tradicional e não desvinculavam a arte da vida. Isso gerava uma mudança aos que caminhavam na rua: de pedestres a espectadores emancipados, o que provocou novas formas de estar na cidade (Silva, 2005).

As intervenções urbanas buscam, então, transformar o ambiente e têm função pública e política. Diluem as fronteiras entre as linguagens da arte, entre artista e espectador e, entre espaço cênico e espaço da plateia. A arte desterritorializa⁶ os que a experimentam, modifica valores da sociedade e potencializa uma nova forma de enxergar um "mesmo" espaço. Além disso, a cidade é lugar de múltiplos estímulos e, por isto, de grande potência para a criação artística, abrindo possibilidades de diferentes sensações e movimentos e produzindo diferentes formas de pensar com a dança (Ribeiro, 2014). Assim, a próxima parte deste texto foca-se na experiência do ...AVOA! Núcleo Artístico, pois este nos possibilita compreender as questões colocadas até aqui a partir de um passeio pela Rua São Bento, no centro de São Paulo.

Cenário de Estudo: ...AVOA! Núcleo Artístico

O ...AVOA! surgiu na cidade de São Paulo, fundado por Luciana Bortoletto e Gil Grossi, que buscavam no espaço urbano, um lugar poético e político. Em 2006, pela dificuldade em encontrar lugares para ensaios e apresentações, o grupo começou a utilizar a rua e espaços alternativos, como uma afirmação política da arte:

Politicamente, eu acho que é mais uma necessidade para mim, né... de me colocar em lugares diferentes, assim... de investigação de como eu ocupo a minha cida-

⁵ Experiência Urbana são as diversidades de sensações e trocas que a cidade pode proporcionar. Depois do Modernismo, as cidades em geral passaram a ser pensadas mais para os carros e para ser um local de trânsito de um lugar a outro e perderam essa característica do uso dos espaços públicos pelos habitantes.

⁶ Para Deleuze e Guattari (1997), desterritorializar significa lançar-se para fora de um território, daquilo que é familiar, em busca de outro lugar, outros territórios.

de... a cidade onde eu vivo (Bortoletto, 2014, p. 183)⁷.

O projeto *Entre-espços: relações possíveis no encontro com a rua* estudou as relações entre a dança e a rua e foi realizado entre 2014 e 2015 através de pesquisas relacionadas à Rua São Bento, com auxílio do 16º Programa Municipal de Fomento à Dança para a Cidade de São Paulo.

O ...AVOA! organizou a performance na São Bento indo de uma ponta à outra da rua, iniciando no Largo São Francisco, atravessando toda a linha da mesma, com ações em alguns pontos e finalizando antes do Largo São Bento. O início do trabalho é mais bem definido, pois eles começam concentrando-se no local e o final é compreensível como uma diluição dos bailarinos com as pessoas da rua.

- *Bem-vindos ao passeio pela Rua São Bento! Vocês estão recebendo um mapa (figura 1), para que seja possível a compreensão da arquitetura deste espaço. Teremos oito paradas, estações que fazem compreender a cidade a partir do movimento do corpo no espaço. Se atentem para entender como o processo artístico pode fazer micropolítica e modificar o espaço urbano.*

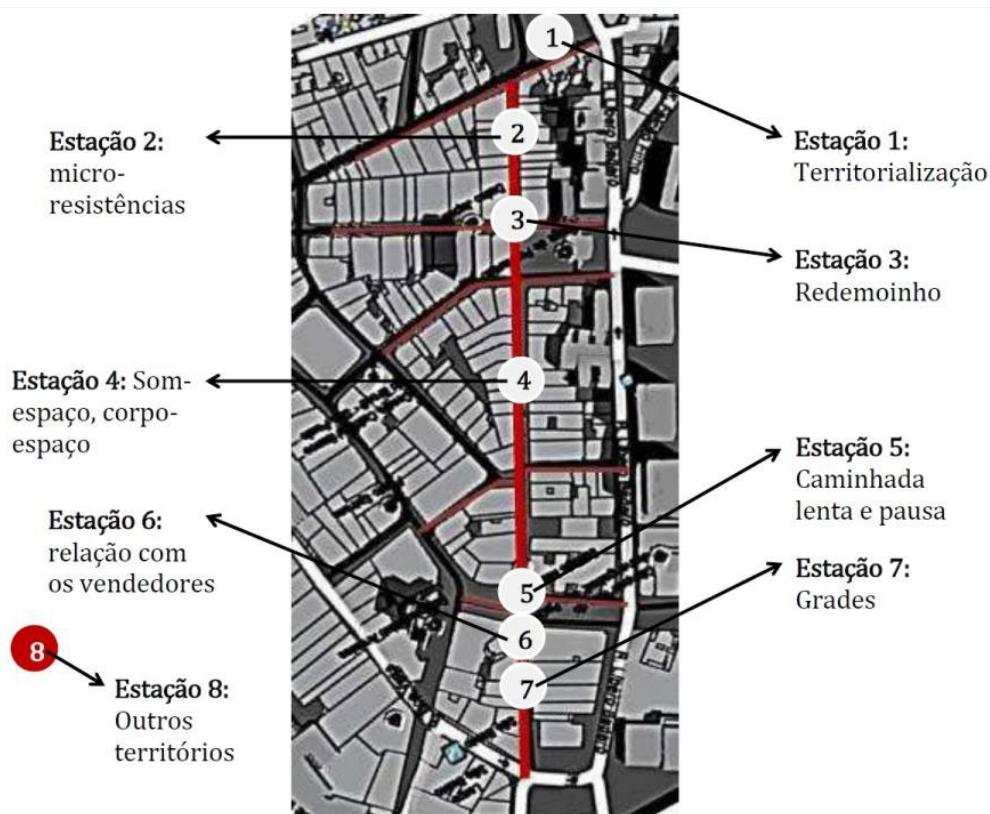


Figura 1: Mapa da Rua São Bento com marcação das estações trabalhadas pelo ...AVOA!
Fonte: edição da autora, 2016.

1- Territorialização: O grupo inicia o trabalho na Rua São Bento com um

⁷ Na linha de raciocínio de Halbwachs (2013) é que se optou por citar as entrevistas dos participantes do grupo ...AVOA! e estes constam em itálico para diferenciar das citações bibliográficas. O autor defende a ideia de a memória tratar-se de um "vestígio", um fato documentado e, no caso aqui, através de depoimentos orais de alguns de seus protagonistas mais significativos. Daí que a escolha pela oralidade entra como elemento-chave no desenvolvimento do registro, uma vez que a diversidade de seus protagonistas resulta em diferentes vestígios de memória, acompanhando a diversidade das experiências vividas nas diferentes situações, caracterizando as interpelações discursivas individuais e coletivas do grupo.

momento de concentração e aquecimento, conectando-se com os colegas e com o entorno, um *"entrar já estando na rua"* (SILVA, 2014, p. 210). Isto acontece no Largo São Francisco (figura 2) e é um momento de territorializar-se com e a partir do lugar.



Figura 2: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

O ser humano vive em ritornelo, conceito criado por Deleuze e Guatarri (1997), que parte do princípio da tríade territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Este movimento acontece para o ...AVOA! na São Bento, principalmente a partir da relação com o espaço. Eles buscam, dessa forma, uma conexão com a Rua, uma forma de habitá-la (territorialização) e, posteriormente, lançam-se em busca de outros territórios, outras possibilidades de movimentar-se com o espaço urbano e com as pessoas que por ali transitam (desterritorialização) e, finalmente, reterritorializam-se para haver uma nova modificação.

A territorialização do grupo é um movimento de conexão corpo-espaço e de atenção para si mesmo, encontrando-se num lugar onde *"sintam-se em casa"*, uma parada no caos do espaço. Eles vão ao encontro de ou criam um lugar que tenha algum valor para cada integrante do grupo, um encontro consigo mesmo a partir da atenção ao espaço, que é uma instância em movimento. O processo de investigação e contato junto à Rua *"faz a diferença entre o que é dançar na rua e dançar a partir, com e para ela, nela"* (Bortoletto, 2014, p. 189).

O grupo realiza o jogo chamado de Mergulhão⁸, que provoca identificações dos imigrantes nordestinos naquela região. Para Bortoletto (2014, p. 189), também é importante compreender *"que dança é essa que dança com a gente, que composição que acontece como consequência do acontecimento performativo"*, ou seja, o grupo tenta entender de que modo a dança deles modifica o espaço (material e huma-

⁸ O mergulhão, considerada uma dança dramática brasileira, caracteriza-se pelo jogo rítmico entre os brincantes onde cada participante convida o outro ao desafio, desenvolvendo assim um jogo de prontidão e habilidades (CIA MUNDO RODÁ TEATRO FÍSICO E DANÇA, 2014).

no). Assim, a *performance* modifica, toca, sensibiliza os imigrantes nordestinos, por exemplo, e eles tornam-se participantes da ação, pois a postura deles interfere na postura do grupo, numa troca mútua, num movimento de ritornelo para o ...AVOA! e para os transeuntes. Quanto mais houver interação do espectador-transeunte, mais diversificados serão os elementos para a composição coreográfica.

O ...AVOA! Núcleo Artístico propõe-se a estar em ação a todo o momento, "o ensaio é a ação" e não tem uma divisão clara entre o momento da cena e o momento em que ela acaba, "não tem uma solenidade" nem a preocupação de estar em cena; para os bailarinos é um ato natural (Bortoletto, 2014, p. 189). Tal situação acarreta em uma mistura entre a vida e a arte; entre o sujeito e o personagem e, por isso, o ...AVOA! pode ser considerado um grupo de arte contemporânea, já que não busca a representação dos movimentos da cidade, mas busca inventar uma nova realidade e transformar aquele espaço, mover-se com ele, preocupando-se com as questões sociais e políticas, fazendo política de forma antiespetacular. Assim como trabalha com a ideia do espectador-emancipado, que interfere na obra e que é sensibilizado por ela de forma subjetiva e individual. O espectador do ...AVOA! é aquele cientista que observa fenômenos e procura suas causas (Rancière, 2005).

2- Micro-Resistências: Esta ação surgiu de observações dos integrantes do grupo na Rua São Bento. Esta metodologia de (des)coberta do micro serviu como um disparador para o grupo pensar as relações da rua e surgiu como uma metáfora da natureza na cidade (figura 3).



Figura 3: Imagem de "micro-resistências" da cidade de São Paulo, 2014.
Fonte: NÚCLEO AVOA. Acesso em: 07 jan.15.

A própria cidade, a partir de suas transformações naturais vai, dessa forma, modificando-se e, com isto, influencia explicitamente no modo como os habitantes vão movimentar-se. As experiências corporais de contato direto com a cidade também vão formando os sujeitos de formas múltiplas, definindo-os, mesmo que involuntariamente. Essas microrresistências naturais da cidade tocaram o ...AVOA! e foram acontecimentos importantes que possibilitaram a criação a partir da experiência de atenção ao espaço. Mas, em geral, os indivíduos da cidade não são tocados por essas transformações, já que vivem no tempo do trabalho, na velocidade da cidade con-

temporânea, velocidade esta que impede as paradas no caos, as paradas para o olhar, o pensar, o escutar (Bondía, 2002).

Em suas intervenções, os bailarinos instauram-se em vãos, como as plantas. É um trabalho pensado para surpreender quem vê, *“podem ser vistos ou não, [...] tem algumas experiências que a gente fez que, assim, cê fica completamente escondido, assim, de repente uma pessoa percebe. Outros não, a gente fica muito em evidência e todos conseguem perceber”* (Lima, 2014, p. 217) (figura 4). A ação tem o objetivo de não fazer “estardalhaço”, experimentar só o corpo e o lugar. Sem figurino nem elementos cênicos, os bailarinos ocupam os vãos e criam brechas na cidade, permanecendo em pausa num determinado tempo-espço.



Figura 4: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

Este tipo de arte propõe uma forma diferente de experiência, possibilitando que os habitantes apreciem uma nova forma de se relacionar com a cidade, a partir do olhar atento a ela, fazendo micropolítica, pois altera os lugares e as pessoas mesmo de dentro do sistema capitalista-espetacular. Essa parada nas micro-resistências nos mostra como micro-movimentos podem servir de resistência ao espetáculo, à informação, ao capital e à sociedade de controle, inventando novas formas de viver e sendo uma das alternativas à forma contemporânea de globalização, pois são movimentos que o capital não considera como ameaças.

O grupo cria vãos, inventa brechas: *“mas sobretudo a gente a gente costuma achar esses vãos, que de alguma forma revelam também essa rua né.”* (Silva, 2014, p. 206). E isso só é possível através da experimentação atenta no local: o corpo acomoda-se, o corpo inventa o lugar e a cidade. O corpo também percebe que o espaço modifica-se com o tempo, abre-se para o acaso e é isso que cria a brecha do instante, compõe-se com a rua e não na rua.

Assim, fixos (objetos) e fluxos (sujeitos) (Santos, 2014) estão confundidos e misturados, e a rua, o espaço, a arquitetura fazem parte do corpo dos integrantes do ...AVOA! no momento da experimentação, afastando a ideia de cidade como um lu-

gar em que o corpo se insere e entendendo a cidade como a compreende Britto: “um campo de processos em que o corpo está coimplicado” (2013, p. 37).

O ...AVOA! não busca ser uma atividade espetacular naquele local, mas coexistir com as outras ações que acontecem cotidianamente na rua, pois seus integrantes entendem que a dança contemporânea tem de transformar de forma delicada. Que a ação do grupo tem de auxiliar na redescoberta da paisagem. Bortoletto (2014) comentou que o trabalho deles amadureceu quando passaram a fazer dança de forma mínima, buscando menos a técnica e mais a surpresa para o espectador, fazendo com que o gesto, a ação fizesse sentido de alguma forma para quem realiza e para quem observa. A política que o ...AVOA! faz é micro, é cotidiana e transforma vagarosamente, produzindo o território como um lugar familiar para os que por ali transitam.

A reação dos transeuntes mostra que os próprios cidadãos controlam o corpo dos outros, não sabendo como conviver com posições corporais diferentes das que acontecem normalmente na rua. E assim, funcionam como a polícia dos espaços, pois ordenam a multiplicidade dos indivíduos, ainda que não seja ilegal deitar na rua, por exemplo, pois as sociedades de controle deixam brechas, são permissivas, para não mostrar que os governos comandam tudo e controlam todos os movimentos da população (Foucault, 1988). Por isso, a arte de rua resiste e, com isso, é produtora de um discurso acerca da cidade, de como ela é e de como gostaríamos que fosse. As intervenções urbanas constroem os espaços públicos por engajarem pessoas em discussões e disputas políticas.

3- Redemoinho: Na esquina da Praça do Patriarca, o ...AVOA! observou os diferentes trajetos dos transeuntes da Rua São Bento. Silva conta que eles “*estudar[am] um pouco como é que essas pessoas se organizavam no fluxo delas*” (2014, p. 203), traçando um mapa. Dessa forma, os integrantes do ...AVOA! fazem um movimento circular entre eles, ora com o círculo mais aberto, onde outras pessoas entram no movimento do grupo sem perceber, ora com o círculo mais fechado, causando maior impacto em relação ao entorno, unindo-se ao grupo e impossibilitando de alguém entrar nesse movimento. O figurino auxilia na dispersão deles no momento de separação, e na reunião do grupo, no momento de proximidade dos corpos.

Quanto ao figurino, da cor da Rua, da cor de São Paulo, percebe-se na figura 5 que ele permite mudanças de papéis, permite ora esconder-se, ora mostrar-se, ora diluir-se, ora ser bailarino. É um figurino que possibilita o trânsito, é o figurino do entre, do vão, encontrando a brecha para atuar na Rua. “*E essa roupa ajuda muito né, a não ser um sujeito extra, a conseguir entrar e sair muito rapidamente nesse fluxo todo, então a gente compõe a cena pensando também nessas pessoas que tão compondo o espaço urbano.*” (Silva, 2014, p. 203).



Figura 5: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

Neste ponto, é possível refletir sobre os encontros e desencontros e as diferentes (multipli)cidades São Paulo, que se encontram e se transformam. As várias “São Paulos” se confundem nos corpos de seus habitantes e os heterogêneos se cruzam, no centro, lugar de convergência, de redemoinho. Tudo isso acontecendo e a maioria das pessoas não enxerga, os corpos-máquina não são sensibilizados, não se emocionam, nem sentem.

4- **Som-espaço, corpo-espaço:** Mais adiante, o som da sanfona entra em jogo e vai criando o espaço cênico também (figura 6).

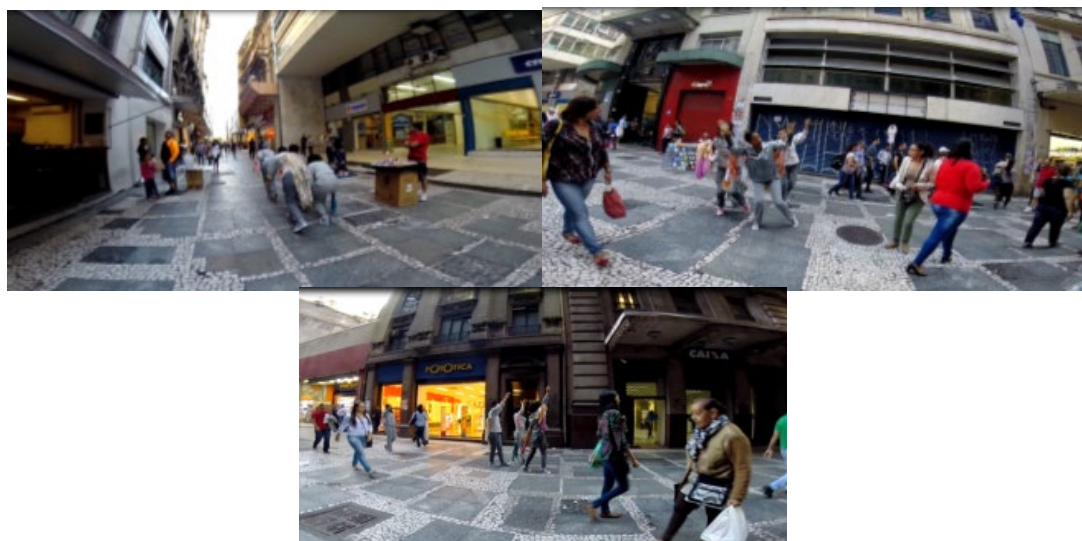


Figura 6: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

O grupo busca dialogar de alguma maneira com as pessoas que passam na Rua São Bento no momento da ação, fazendo com que elas possam se tornar espectadores ativos. Desse modo, são utilizadas diversas estratégias para conseguir essa relação, uma delas é o uso de elementos que ativem a memória dos sujeitos, como a sanfona utilizada para criar múltiplas sonoridades.

Ainda, para que esse diálogo seja potente, o ...AVOA! trabalha com a linguagem do palhaço e com técnicas de improvisação. *“Um trabalho de palhaço, pensando na qualidade que o palhaço pode ter enquanto sujeito relacional ali também, da prontidão, de uma dilatação da presença que o palhaço traz né? De uma de ficar, de responder ao que tá dado pela rua, de responder ao que tá dado pelo outro”* (Silva, 2014, p. 202). Essas técnicas auxiliam na percepção rápida do que acontece no lugar.

Em geral, as atividades mais lúdicas aproximaram os espectadores emancipados dos artistas. É necessário que os artistas tenham o cuidado de não afastar as pessoas e, para isso, é importante não criar uma barreira que rompa com o cotidiano delas, mas criar uma linha de fuga a partir daquilo que elas estão acostumadas. Para isso, o ...AVOA! transforma o gesto de cumprimento do Rui⁹ em dança, uma das formas que os artistas encontraram de se aproximar das pessoas que estão ali na São Bento todos os dias. Além disso, esses gestos que compõem a cidade ficam inscritos nos corpos

⁹ Vendedor de Sabão na Rua São Bento.

dos integrantes do ...AVOA! e passam a formar aqueles corpos também, que se des-territorializam e se reterritorializam a partir do movimento, da cultura, dos espaços e da sociedade com que trocam, o corpo torna-se corpo-espaço, em eterno vir a ser (Miranda, 2008).

O que pode no espaço público? Cada época tem seu padrão de civilidade, que é transformado a partir do comportamento das pessoas e das mudanças que ocorrem no espaço, bem como os conceitos de cidade modificam-se também no tempo. Então o ...AVOA! entra vagarosamente, com cuidado, quase pedindo permissão para coexistir ali e, com isto, adapta-se, modifica a cidade e os comportamentos sociais.

5- Caminhada Lenta e Pausa: Neste ponto da Rua São Bento, o grupo fica em pausa e inicia uma "caminhada lenta" (figura 7). Para o grupo, a lentidão é uma tática para apreender a cidade contemporânea e, ao mesmo tempo, uma maneira de resistir à racionalidade, "dilatando" o tempo daquele espaço, que é uma rua de muitos fluxos. Opondo-se ao movimento veloz da metrópole contemporânea e coexistindo com ela, é possível compreendê-la. Podemos chamá-los, por isso, de "homens lentos" (Santos, 2014). Não pela literalidade do movimento, mas pela compreensão do lugar que o grupo captou através do movimento.



Figura 7: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

Na figura 8, fica evidente o contraste que o ...AVOA! Núcleo Artístico faz com o ritmo da maioria das pessoas que passam, velozes, no local. O grupo escolheu experimentar a cidade, ser a lentidão para ter a potência de desestabilizar a realidade veloz instalada na contemporaneidade. A cidade é lugar de política, pois é essencialmente lugar de luta de classes, de contrastes, de desejos diversos. A lentidão do ...AVOA! é uma alternativa anticapitalista para a produção da cidade, pois se encontra fora do tempo do trabalho, o qual o capitalismo tanto reivindica e reproduz na cidade através das vias expressas, do trem bala e dos meios de transporte cada vez mais velozes.



Figura 8: ...AVOA! em “caminhada lenta” na Rua São Bento, 2014. Fonte: ...AVOA! NÚCLEO ARTÍSTICO b. Acesso em: 13 out. 2014.

Esses artistas lutam pelo direito à cidade, mas que tipo de direito? Pois este direito é um significativo vazio, depende de quem lhe vai conferir significado (Harvey, 2014). Eles lutam, então, pelo simples direito de estar na cidade, coexistindo naquele território central que reúne e comporta diversas atividades. Lutam pela diferença no modo e na velocidade de movimentar-se na Rua São Bento, através de ações simples, que modificam a dinâmica do lugar.

Diferenças e dissensos que produzem a cidade enquanto polis. Para Rancière (2005, s.p.), a política é “a possibilidade de opor um mundo comum ao outro”. Assim, a tensão gerada pelo convívio entre os diferentes é capaz de transformar as cidades e, conseqüentemente, as sociedades, a partir de negociações entre os seres humanos e as ruas, entre as culturas e os espaços (Jacques, 2010).

Dessa maneira, o grupo trabalha com relações de tempo na cidade contemporânea e critica a falta de experiência, buscando “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: [...] parar para olhar, parar para escutar” (Bondía, 2002, p. 24). A experiência requer o tempo do corpo e não o tempo dos automóveis e das máquinas.

O grupo entende que a relação de tempo da cena na rua é diferente do tempo do Teatro. Eles não têm a preocupação de que o público permaneça os observando durante toda a *performance*, principalmente nos momentos de criação. “*Tanto é que muitas pessoas não permaneceram, ficaram um tempo e foram embora, porque o processo ele é longo, né. Quando a gente entra, quando a gente vê, nós estamos já há duas horas fazendo aquilo, né*” (Lima, 2014, p. 224). Ou seja, quando muda o espaço cênico, muda a lógica da cena, não é uma simples transferência de local. Na rua, o público vai ver um pouco, vai passar e ir embora, ou alguns vão ficar para acompanhar o grupo por mais tempo.

Cada espectador emancipado escolhe como quer ou como pode ser tocado, inventa sua realidade subjetiva a partir do que viu na rua. Desta forma, cada um vai se relacionar com a *performance* de um jeito único e escolher quanto tempo quer permanecer em contato com ela. Isso vai produzir agenciamentos diferentes para cada espectador-transeunte na Rua São Bento, que vão se desterritorializar, buscando novos lugares no pensamento, novos lugares em seus corpos e, assim, vão ser

transformados a partir da arte na cidade.

6- Relação com os vendedores informais: A Rua São Bento é, também, um lugar de muitas sonoridades, principalmente em função dos vendedores que passam o dia inteiro anunciando seus produtos. Os vendedores que trabalham na Rua São Bento, assim como o grupo de dança, são também entendidos como “homens lentos”, pois encontraram uma brecha entre a formalidade e a informalidade, vivem e animam aquele espaço (figura 9). Muitos deles, fazem sons para vender produtos, como o “Seu Edson” que vende “Natura e Avon” e, para o ...AVOA!, eles também compõem o trabalho do grupo.



Figura 9: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

Esses vendedores informais desestabilizam a realidade veloz da metrópole, pois passam o dia em contato com ela, uma experiência de relação do corpo com a cidade e com seus cidadãos. Eles estão na cidade não só de passagem, eles permanecem e observam todo o movimento daqueles que vão de casa para o trabalho, do trabalho para as compras na Rua 25 de Março, das compras para a estação de metrô, utilizando a cidade como um lugar de passagem. Resistem. São o contrário da informação, pois são contrários ao sistema capitalista-espetacular, são a brecha do sistema. Inventam suas próprias realidades, diferentes da representação da cidade-museu.

7- Grades: A última parada do grupo é nas grades da Rua São Bento (figura 10), elementos que fomentam as relações de dentro e fora e causam estranhamento em quem vê: outro tipo de relação possível na cidade. É, também, um movimento de questionamento sobre o que pode na cidade. As próprias pessoas que passam controlam os corpos dos bailarinos do ...AVOA! com o olhar, pois eles desestabilizam a homogeneidade da cidade contemporânea, habitando o entre, o espaço que não foi definido pelas sociedades de controle (Foucault, 1988).



Figura 10: Fotogramas da Rua São Bento. Fonte: da autora, 2016.

O controle da sociedade, hoje, está em toda parte e é contínuo, não surge só do Estado ou da polícia. A cidade virou polícia e governo ao mesmo tempo, todos controlam todos, em nome da produção econômica. O controle está no gerenciamento da vida das populações, mas parte do corpo biológico, tudo passa pelo corpo, ou seja, pelo sujeito. O ...AVOA!, aqui, não submete-se aos processos do capitalismo e subverte o espaço da cidade, estabelecendo uma nova realidade, uma nova forma de ocupar a rua.

Este é o momento em que as pessoas mais param para olhar a ação do grupo, é como se fosse criado um palco naquele lugar, um elemento vertical que é delimitado, e onde não é comum ver nenhum tipo de movimento corporal. O movimento do corpo no espaço da calçada, quando está no nível alto (em pé), é comum, já o uso próximo ao Alinhamento Predial¹⁰, o uso das paredes e grades que separam o público do privado, e o movimento do corpo no nível baixo (deitado ou sentado), próximo ao chão, são movimentos incomuns na cidade, o que causa certo estranhamento em quem vê.

8- Outros Territórios: O que mais possibilitou que as potências do trabalho fossem reveladas foi quando o grupo realizou uma intervenção fora do local de estudo. Eles apresentaram o trabalho no SESC Ipiranga, num casarão reformado (figura 11).

¹⁰ Alinhamento predial é o limite entre o que é privativo e a calçada.



Figura 11: Bailarinos em ação no SESC Ipiranga, 2014.
Fonte: ...AVOA! NÚCLEO ARTÍSTICO. Acesso em: 21 jul. 2016.

As duas ações principais que eles trabalharam - as micro-resistências e a lentidão -, acabaram não funcionando da mesma forma que acontecia no espaço público, pois as vegetações que surgem nos vãos na rua, por exemplo, são muito diferentes das de um local fechado. E a relação de "tensionamento" do tempo, trabalhado na Rua São Bento, um local de grande fluxo de pessoas, não foi possível de perceber com a mesma facilidade porque o SESC Ipiranga é um lugar muito mais calmo que a rua em questão. Com isso, o território da Rua São Bento, quando comparado a outros lugares com características diferentes, fez o grupo refletir mais ainda sobre as qualidades da rua que estudam.

Estação Final

Nas oito paradas da Rua São Bento, alguns pensamentos e compreensões da cidade e da dança foram possíveis, através das afecções causadas pela interação dos bailarinos com a cidade. Nas micro-resistências, os bailarinos perceberam na experiência a relação das pessoas com a cidade, a partir do olhar para a natureza que resiste e que movimenta o espaço urbano e, com isto, modifica o corpo dos habitantes e os define. Através desse disparador, os bailarinos inventam a cidade com o corpo. Acomodando-se nos vãos eles compõem com a rua, ou seja, misturam-se fixos e fluxos, corpo e espaço. O sujeito não é aquele que utiliza a cidade, mas aquele que está em interação com ela, corpo e espaço estão coimplicados. A ação do ...AVOA! é uma forma de resistência, mas é uma resistência delicada, de dentro da própria Rua, a compreendendo para depois subvertê-la, constituindo uma linha de fuga para certa composição de cidade.

As paradas também nos mostraram que existe um controle do corpo dos bailarinos pelos próprios cidadãos. Controle este que é fruto de um processo das sociedades de controle, onde todos estão sendo controlados a todo o momento. O corpo é tão menosprezado, que um movimento incomum na rua gera incômodo, resistência. Os artistas tencionam essa linha de normalidade e os padrões de civilidade no espaço urbano. O som também cria e delimita o espaço para o grupo, compondo o seu

trabalho. Eles criam *com* a rua, suas atividades e características.

Nesta análise, é visível o tempo da cidade contemporânea, a velocidade da metrópole São Paulo. A lentidão choca. Compreende-se o tempo da urbe durante o movimento de oposição. A caminhada lenta do ...AVOA! é uma forma de desestabilizar a realidade veloz instalada, uma alternativa anticapitalista, que encontra-se fora do tempo do trabalho, encontra-se no tempo da experiência. Ainda assim, existem os contrastes, os que contemplam a cidade, os que resistem ao tempo da produção e que experimentam a rua, observam-na e, com ela, dançam.

Uma das principais descobertas do estudo foi a respeito da troca de local para encontrar as características marcantes da obra artística. Apresentar o trabalho em criação no espaço urbano num local diferente do espaço da Rua São Bento, um lugar fechado no SESC Ipiranga, revelou as características do trabalho do ...AVOA! e do local de estudo original. A troca de local exigiu do grupo uma reelaboração da discussão acerca do trabalho e fez emergir as potências do projeto.

Criando Novos Territórios

Com o olhar atento ao movimento da rua, percebe-se que o ...AVOA! inventa novas formas de viver e ocupar a cidade e transforma vagarosamente produzindo o território como um lugar familiar para os que por ali transitam. Ações como estas vão à contramão da cidade capitalista, que é cada vez mais individualista e fragmentada, cada vez menos um espaço propício para a formação de um corpo político coletivo.

A cidade passa a ser entendida especialmente a partir das pessoas que a habitam. Não é mais possível separar os sujeitos do espaço. Para o ...AVOA!, os principais motivadores foram o ritmo das pessoas do local e os sons produzidos por elas. Esta é a Rua São Bento. A arte de rua observa e valoriza a cidade onde está inserida e também a transforma a partir de suas apropriações. Compreende a realidade existente, a partir de sua lente, e a transgride, inventando outras realidades possíveis.

A rua passa a ser um espaço possível de fazer arte, tornando-se, assim, um lugar de afirmação desta e um território que permite as pontes entre arte e sociedade, arte e política. Dessa forma, pesquisar o espaço público é criar com a rua, criar com o texto e, a partir disso, modificar a sociedade através de diferentes conexões, de diferentes formas de enxergar e de interagir com a cidade.

Implicar os processos de criação artística aos espaços públicos é ler a cidade subjetiva contida nas brechas da cidade-espetáculo e, por conseguinte, ler a sociedade e a cultura que se fazem nesse tempo contemporâneo. Fazer arte de rua é tornar visível nos corpos dos artistas as características do lugar e do modo de vida da sociedade. Além disso, a interação dos cidadãos com a rua produz a cidade a partir de um movimento de múltiplas direções.

A arte de rua é, desta maneira, um potente dispositivo de transformação dos corpos, um dispositivo de fazer sentir e, com isto, uma possibilidade de escape, uma válvula que se abre de dentro do próprio sistema espetacular. Arte como forma de resistência ao que nos é imposto pelo capital e, por isso, arte como forma de fazer política na polis.

Referências

...AVOA! Núcleo Artístico. Disponível em: <http://www.nucleoavoa.com/>. Acesso em: 21 jul. 2016.

ALLEMAND, Débora Souto. Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/corpografias_da_cidade_atraves_da_danca.pdf

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BORTOLETTO, Luciana. Luciana Bortoletto: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: Débora Souto Allemand. Arquivo mp3 (91 minutos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em: ALLEMAND, Débora Souto. Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

BRITTO, Fabiana Dultra. A ideia de Corpografia Urbana como pista de análise. Redobra, Salvador, EDUFBA, n° 12, ano 4, 2013.

CIA MUNDU RODÁ TEATRO FÍSICO E DANÇA. Disponível em: http://munduroda.blogspot.com.br/2007/06/cavalo-marinho_24.html Acesso em: 17/nov/2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V.4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. Trad. Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. *Notas sobre Cidade e Cultura*. In: ROCHA, Renata; RUBIM, Antonio Albino Canelas (Orgs.). Políticas Culturais para as Cidades. Salvador: EDUFBA, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LIMA, Simone Laiz de Moraes. Simone Laiz de Moraes Lima: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: Débora Souto Allemand. Arquivo mp3 (51 minutos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em: ALLEMAND, Débora Souto. *Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico*. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MIRANDA, Regina. *Corpo-espaço: aspectos de uma geofilosofia do movimento*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

NÚCLEO AVOA. Disponível em: <http://www.nucleoavoa.com/>. Acesso em: 07/jan/15.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org./ Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Tiago Nogueira. *Dança e Intervenção Urbana: A contribuição do regime dos editais para a espetacularização da arte e da cidade contemporânea*. In: Redobra, Salvador, EDUFBA, nº 14, ano 5, 2014.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, André Simões da. André Simões da Silva: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: Débora Souto Allemand. Arquivo mp3 (53 minutos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em: ALLEMAND, Débora Souto. *Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico*. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SILVA, Eliana Rodrigues. *Dança e pós-modernidade*. Salvador: EDUFBA, 2005.

Recebido em: 26/09/2016

Aprovado em: 03/03/2017